



O que pode o corpo de Jup do Bairro?

Uma análise interseccional



AUTORES:

- Toni Lucas Bento Carneiro
- Alice Oliveira de Andrade
- Danilo Silva de Meireles
- Emanuele de Freitas Bazílio

mei studies





O corpo como linguagem, presença política e território de disputa.



- O artigo analisa performances audiovisuais da multiartista Jup do Bairro.
- Corpus: os videoclipes O Corre (2021), Transgressão II (2020) e Sinfonia do Corpo (2021).
- Investiga como raça, gênero, classe, peso e território atravessam as representações midiáticas.
- Objetivo: compreender como o corpo negro, trans, gordo e periférico opera como forma de artivismo e resistência.





Ideia central

O corpo de Jup é lugar de criação, potência, contestação e reinvenção.



Quem é Jup do Bairro?

Trajetória artística e política



01.

Jup Lourenço Mata Pires é cantora, compositora, performer, apresentadora e produtora.

02.

Nasceu em 1993, no Capão Redondo, zona sul de São Paulo.

03.

Sua produção articula experiências periféricas, racializadas e dissidentes de gênero.

04.

Sua estética experimental transita por funk, rap, música eletrônica e rock.







Fundamentos teóricos

01. Interseccionalidade

Articulação de diferentes eixos de opressão e desigualdade (Crenshaw; Akotirene; Collins).

02. Performatividade de gênero

Gênero como atos reiterados que podem ser refeitos e subvertidos (Butler).

03. Regimes de visibilidade e contravisualidade

Disputas sobre quem pode aparecer, como aparece e quem tem direito de olhar (Mirzoeff).

04. Ruína e transição

Desfazimento de estruturas dominantes como condição para imaginar outras possibilidades (Mombaça).

05. Artivismo

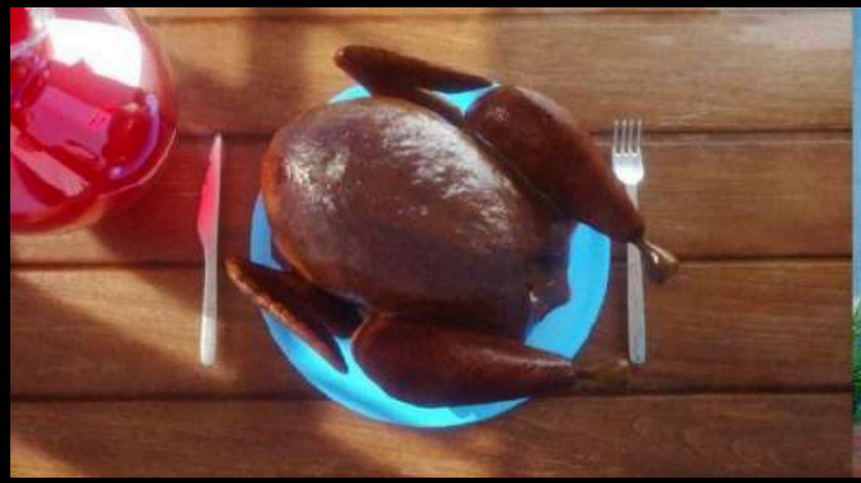
Aproximação entre arte e ativismo, mobilizada como resistência e produção de novos imaginários (Colling; Raposo).

Metodologia:
Roleta interseccional

Proposta metodológica de Fernanda Carrera (2021)

- Formação interseccional-discursiva: identifica imperativos, silenciamentos e estruturas de poder presentes nos discursos.
- Ethos interseccional: observa a imagem de si construída pelo sujeito em relação a marcadores identitários, estereótipos e
expectativas sociais.
- Negociações interseccionais: examina estratégias utilizadas para lidar com opressões e estigmas.
- O estudo decupa os videoclipes considerando cenas, sonoridade, letra, estética, composição e fotografias.
- A metodologia também implica os pesquisadores, que reconhecem seus marcadores, vivências e posições na pesquisa.

A análise observa como os marcadores se cruzam e se reforçam nas experiências e representações.





Análise: O corre

Classe, território, racialização periférica e memória

- O videoclipe articula imagens e letra para narrar estratégias de sobrevivência de uma mulher negra, trans e periférica.
- A figura da polícia remete à violência estatal e à suspeição que incidem sobre corpos negros e pobres.
- A mãe, Dona Sueli, simboliza cuidado, resistência cotidiana e luta intergeracional diante da fome.
- A refeição que se transforma em pés de galinha e os objetos domésticos evocam uma infância marcada pela escassez.
- Marcas de consumo e crédito — como C&A; e Serasa — evidenciam a promessa frustrada de inclusão pelo consumo e o endividamento.
- A passagem da infância à imagem adulta transforma a memória da dor em potência.

O “corre” deixa de ser apenas sobrevivência econômica e se torna princípio de existência, resistência e criação.



Análise: Transgressão II

Ruína, transição e criação de um corpo insurgente

- As estátuas humanoides destruídas simbolizam a ruptura com o corpo universalizado e idealizado: branco, cisgênero e masculino.
- O deserto representa um intervalo: o mundo anterior ruiu, mas o novo ainda está em formação.
- A lava e a matéria escura figuram a transformação das estruturas e a emergência de outro corpo.
- O nascimento simbólico de Jup a partir da lava é interpretado como criação de uma existência que não se fixa em uma forma final.
- A metáfora da crisálida — ovo, lagarta, casulo e voo — acompanha a travessia em direção à autonomia.
- Na performance final, o corpo ocupa o quadro e reivindica espaço político para existir.

A ruína não é apenas destruição: é condição de criação, transição e reexistência.



Análise: Sinfonia do Corpo

Artivismo, cuidado de si e autonomia corporal

- O videoclipe aproxima arte, ativismo e entretenimento para tensionar normas corporais e identitárias.
- O gesto de barbear-se ressignifica um símbolo socialmente associado ao masculino e evidencia negociações com a feminilidade.
- A estética crua — parede sem reboco, canos aparentes e instalações improvisadas — associa a narrativa à precariedade econômica.
- O cuidado de si aparece como prática de resistência em uma sociedade que frequentemente nega cuidado a corpos dissidentes.
- A afirmação da fome, do frio e das necessidades básicas reivindica humanidade, dignidade e visibilidade.
- A dança, mesmo diante da queda e do cansaço, figura uma resistência contínua.

O corpo não é apenas objeto de controle: é signo, linguagem, memória e território de reinvenção.

Os 3 videoclipes em diálogo

Síntese comparativa das análises

- **O Corre:** memória da infância, pobreza, violência policial, território periférico e sobrevivência.
- **Transgressão II:** destruição das normas, ruína, transição, metamorfose e emergência de um corpo dissidente.
- **Sinfonia do Corpo:** artivismo, cuidado de si, crítica aos padrões de gênero e beleza e afirmação da dignidade corporal.

- Nos três trabalhos, imagem, som, letra e performance constroem narrativas que *contestam representações hegemônicas*.
- A presença de Jup não se limita a ocupar a cena: *reivindica agência, complexidade e o direito de produzir outras visualidades*.

Considerações finais

- A roleta interseccional permite uma leitura relacional das camadas de subalternização presentes nas performances.
- O corpo de Jup emerge como linguagem e ação, deslocando formas hegemônicas de representação.
- As obras produzem visibilidade sem reduzir os corpos dissidentes à exotização ou a identidades fixas.
- O corpo é compreendido como tecnologia de resistência: diz, age, afeta e é afetado.
- O estudo aponta a importância de aprofundar pesquisas sobre gênero, raça e classe nas inscrições de corporalidades
dissidentes na mídia.







O corpo pode ser, simultaneamente, lugar de dor e criação, vulnerabilidade e potência, violência e reinvenção.

Referências do artigo

Akotirene, C. (2019). Interseccionalidade. Pólen.

Barros, G. S. (2008). Filtragem racial: A cor na seleção do suspeito. Revista Brasileira de Segurança Pública, 2(3), 134–155.

Butler, J. (2003). Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade (R. Aguiar, Trad.). Civilização Brasileira.

Carrera, F. (2021). Roleta interseccional: Proposta metodológica para análises em comunicação. E-Compós, 24. https://doi.org/10.30962/ec.2198

Castro, H. É. B. de, Rodrigues, D. L., Santos, S. R. P. dos, & Cunha, A. L. S. (2024). Reflexões sobre as pedagogias cisheteronormativas e seus efeitos em sujeitos LGBTQIAPN+ na escola. Plurais – Revista Multidisciplinar, 9, e024021. https://doi.org/10.29378/plurais.v9i00.19382

Colling, L. (2019). Artivismos das dissidências sexuais e de gênero. EDUFBA.

Collins, P. H. (2019). Pensamento feminista negro: Conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Boitempo.

Fanon, F. (2008). Pele negra, máscaras brancas. EDUFBA.

Ferreira da Silva, D. (2020). Ler a arte como confronto. Logos, 27(3), 290–296. https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/57382

Figueiredo, P. (2024, 14 de junho). Jup do Bairro não quer mais ser “a representação da representatividade”. Rolling Stone Brasil. https://rollingstone.com.br/musica/jup-do-bairro-entrevista

Gomes de França, F. (2021). O perigo negro! A herança racista da polícia moderna no Brasil. O Público e o Privado, 19(40).

Gonzalez, L. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, 223–244.

Jup do Bairro. (2020, June 11). Jup do Bairro - TRANSGRESSÃO (parte II) [Video]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=iyZ2PB8vZik

Jup do Bairro. (2021, January 22). Jup do bairro - O CORRE (official music video) [Video]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=QbeKvHI2sVg

Jup do Bairro. (2021, May 20). Jup do bairro - sinfonia do corpo (official music vídeo) [Video]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=aTI8iGxaoCo

Leblanc, P. B., & Amorim, L. B. V. (2019). Corpos dissidentes afro-diaspóricos e suas poéticas contemporâneas no espaço urbano. Revista Prumo, 4(7), 110–123. https://periodicos.puc-rio.br/revistaprumo/article/view/1130

Mirzoeff, N. (2011). Cómo ver el mundo: Una nueva introducción a la cultura visual. Paidós.

Mirzoeff, N. (2016). O direito a olhar. ETD – Educação Temática Digital, 18(4), 745–768.

Mombaça, J. (2021). Não vão nos matar agora. Cobogó.

Nogueira, B. I. (1998). Significações do corpo negro [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo].

Oliveira, M. R. G. de. (2020). O diabo em forma de gente: (R)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. Editora Devires.

Preciado, P. B. (2022). Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas. Zahar.

Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In E. Lander (Org.), A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur.

Ramos, S., & Musumeci, L. (2005). Elemento suspeito: Abordagem policial e discriminação na cidade do Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.

Raposo, P. (2015). “Artivismo”: Articulando dissidências, criando insurgências. Cadernos de Arte e Antropologia, 4(2), 3–12.

Rocha, A. C. M. D. (2024). Nos entramados de Jup do Bairro: Experimentalismo transfeminista e fabulações anticoloniais. Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro), (45), 1–23.

Silva, G. G. da. (2009). A lógica da polícia militar do Distrito Federal na construção do suspeito [Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília].

Simas, L. A., & Rufino, L. (2020). Encantamento sobre política de vida. Mórula.

Souza, S. B. R. de. (2023). MPBixa e MPBTrans: O “corre” pela visibilidade de uma cena musical emergente em contexto digital. Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, 6, 188–217.

Terra, L. M. (2010). Negro suspeito, negro bandido: Um estudo sobre o discurso policial [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista